



SEÇÃO TEMÁTICA

Liderança intelectual política educativa na universidades

Intellectual political instructive leadership at the university

*Alípio Casali**

Resumo: O presente artigo descreve e analisa a trajetória do Prof. Dr. Pe. João Edênio dos Reis Valle como professor, pesquisador e gestor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ao longo dos cerca de cinquenta anos de seu vínculo profissional com essa universidade. Dá-se foco aos anos em que o Prof. Edênio Valle atuou como Vice-Reitor para Assuntos Comunitários (1976-1984). Esse período é reconhecido como um tempo crítico na história da universidade, em que foi forjado o perfil identitário atual da PUC-SP como universidade comprometida política, social e culturalmente. É descrita e analisada a participação decisiva do Prof. Edênio Valle na construção desse perfil. O texto tem cunho biográfico quanto à trajetória profissional do pesquisado e cunho histórico-institucional quanto aos acontecimentos que se sucederam na PUC-SP no período assinalado. Foram utilizadas predominantemente fontes em que o próprio pesquisado registrou sua percepção acerca das trajetórias e dos acontecimentos analisados: artigos, entrevistas, cartas, depoimentos, de modo a conferir ao presente texto um valor maximamente testemunhal. A conclusão deste estudo corrobora a representação que comumente se faz do Prof. Edênio Valle, dentro e fora da PUC-SP, como uma admirável liderança intelectual e política, de grande alcance histórico educativo para a PUC-SP não apenas circunscrita ao período dos acontecimentos, mas também até os dias atuais e para o futuro.

Palavras-chave: Edênio Valle. PUC-SP. Universidade Católica.

Abstract: This article describes and analyzes the trajectory of Prof. Dr. Father João Edênio dos Reis Valle, as professor, researcher and manager at the Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC-SP, throughout the approximately fifty years of his professional relationship with this university. The focus of the study is upon the years in which Prof. Edênio Valle served as Vice-Rector for Community Affairs (1976-1984) of PUC-SP. This period is recognized as a critical time in the history of the university, in which the current identity profile of PUC-SP was forged as a politically, socially and culturally committed university. The decisive participation of Prof. Edênio Valle in the construction of this profile is described and analyzed. The present text has a biographical approach regarding the Prof. Edênio Valle's professional trajectory, and a historical-institutional approach regarding the events that occurred in PUC-SP in the period. The study predominantly used sources where Prof. Edênio Valle himself recorded his perception on the trajectories and events in focus. These sources include articles, interviews, letters, testimonials, to maximize the testimonial value of this text. The conclusion of this study corroborates the representation commonly made of Prof. Edênio Valle, inside and outside PUC-SP, as having been an admirable intellectual and political institutional leader, with wide instructive historical reach for PUC-SP, not only throughout the period of the events here analyzed, but also to the present day and to the future.

Keywords: Edênio Valle. PUC-SP. Catholic University.

* Doutor em Educação (PUC-SP, São Paulo-SP). Professor do Departamento de Fundamentos, Política e Gestão da Educação e do PPG em Educação: Currículo da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0003-3883-3051 – contato: casali@pucsp.br

Introdução

O presente texto pretende ter um caráter testemunhal. Testemunho de duas partes: de quem escreve – o autor – e de sobre quem se escreve – o Prof. Pe. João Edênio dos Reis Valle. Testemunho do autor, visto que cultivei amizade muito próxima com o homenageado ao longo de quase sessenta anos, exatamente 57 anos, desde 1966 até sua morte em 2023. Testemunho do homenageado, uma vez que, por se tratar de uma vida exemplar em tantos aspectos, o autor se colocou em segundo plano para deixar o homenageado falar em primeira pessoa, sempre que possível, de modo a testemunhar diretamente, com seu discurso e com seus atos. Esse propósito testemunhal foi também o critério que adotei para priorizar as fontes utilizadas: predominantemente textos autorais, artigos, entrevistas, cartas, depoimentos, produzidos pelo próprio Prof. Edênio.

Entre as fontes de informações sobre a pessoa, o profissional e a trajetória institucional do Prof. Edênio na PUC-SP, destaco três. Suas respectivas circunstâncias de produção fundamentam e justificam seu valor: são manifestações claras acerca do pensamento e compromisso do Prof. Edênio nesse período de sua maturidade pessoal, profissional, institucional. Apresento-as em sua sequência histórica.

A primeira fonte é uma carta (Valle, 2008) escrita pelo Prof. Edênio, dirigida ao Grão-Chanceler da PUC-SP, o Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, datada de 2008. Ressalto essa fonte por seu inerente valor declaratório do pensamento e compromisso do Prof. Edênio, do que eu dou testemunho pelo fato singular de eu ter participado de sua elaboração, ainda que superficialmente. Explico-me. Dadas minha longa amizade pessoal com o Prof. Edênio e nossa convivência profissional muito próxima, especialmente na PUC-SP, em várias ocasiões fui surpreendido com sua solicitação para opinar sobre textos de caráter institucional que ele deveria produzir. Sempre me dispus a tais colaborações com elevado sentimento de responsabilidade e discrição. Essa carta ao Grão-Chanceler (2008) ele me encaminhou em confiança, solicitando-me uma revisão de linguagem e, eventualmente, de conteúdo. Guardo comigo a versão digital original revisada por mim. Desconheço se, após essa versão revisada, o Prof. Edênio terá introduzido nela alterações de linguagem ou conteúdos. Ele cogitava discuti-la abertamente com outros professores colegas de Departamento e do Programa de Ciência da Religião antes de enviá-la ao destinatário. Não sei se o fez. Evidentemente, desconheço também qual terá sido a reação do destinatário da carta a seu conteúdo e quais encaminhamentos a carta terá tido. Nesse sentido, tomo-a aqui como fonte histórica expressiva exclusivamente do perfil pessoal-profissional do Prof. Edênio, e não como ‘documento institucional’ da PUC-SP e/ou da Arquidiocese de São Paulo. Reproduzirei algumas de suas passagens, pertinentes ao pensamento e preocupações do Prof. Edênio sobre a PUC-SP, mantendo-a em absoluta reserva em todo o restante de seu conteúdo. Apenas esclareço que o contexto de escrita dessa carta era o processo de Reforma dos Estatutos e Regimento da PUC-SP, disparado em 2007 e concluído em 2008.

A segunda fonte é o discurso (Valle, 2015) que o Prof. Edênio preparou para ler na cerimônia em que lhe seria outorgado o título de Professor Emérito da PUC-SP: uma sessão solene e extraordinária do Conselho Universitário da PUC-SP, que veio a ocorrer em 28 de outubro de 2015. Considero esse discurso, lido publicamente pelo

Prof. Edênio, como um documento de elevado valor institucional para a história da PUC-SP. Assim como no caso da carta ao Grão-Chanceler (Valle, 2008), o Prof. Edênio enviou-me a primeira versão de seu discurso na forma de um texto bem mais incipiente e menos elaborado que o da Carta, solicitando-me revisão e eventuais sugestões. Fiz alguns ajustes de linguagem e de estilo e algumas sugestões de conteúdo; senti-me honrado ao perceber, após, que ele gentilmente as acolheu praticamente todas.

A terceira fonte é uma entrevista¹ (Valle, 2023) que o Prof. Edênio concedeu como parte de um projeto da Fundação São Paulo, Mantenedora da PUC-SP. Essa entrevista foi gravada no Campus Monte Alegre, em 6 de julho de 2023, portanto poucos meses antes do falecimento do Prof. Edênio. Terá sido, pelo que consta, a última entrevista que ele concedeu. Ela guarda, por isso, um valor histórico muito particular, ademais do valor de seu conteúdo: nela o Prof. Edênio falou com muita liberdade por quase quatro horas sobre sua vida e sua vasta atividade como sacerdote, docente, pesquisador e gestor da PUC-SP. Essa entrevista ainda não está editada. Trata-se de 22 vídeos, de duração variada, que aqui serão designados segundo sua ordem de gravação (Vídeo 1, 2, 3 etc.).

Um sacerdote professor na PUC-SP

Na carta ao Grão-Chanceler (Valle, 2008, p. 1), o Prof. Edênio declara: “Estou ligado à PUC-SP há quarenta anos”. Ele está se reportando a 1967, ocasião em que chegou à PUC-SP para lecionar a disciplina estatutária *Cultura Religiosa*, então vinculada à Pastoral Universitária, e também uma disciplina de Psicologia para alunos do Primeiro Ano do curso de Psicologia. Ele escreve:

Foi neste período [pós-Concílio Vaticano II] que cheguei à PUC, encontrando uma Igreja e um Clero dividido entre “progressistas” e “conservadores”. Mas havia no ar um quê de otimismo quanto às possibilidades de inovação apesar do fechamento e mudança de rumos trazidos pelo golpe militar de 1964. O ano de 1968 foi realmente o marco divisor. Marcou de maneira clara uma radicalização nas posições sócio-políticas (Valle, 2008, p. 4).

Após o AI-5, em 1968, a situação se agravou. A Universidade era um turbilhão (Valle, 2008, p. 2).

A missão do Prof. Edênio na PUC-SP estava diretamente relacionada ao repertório que ele trazia de sua experiência de formação europeia. Depois de três anos de estudo de Filosofia no Brasil, em São Paulo, no Seminário do Espírito Santo, da Congregação do Verbo Divino, da qual era membro, ele havia sido indicado para seguir seus estudos de Teologia na Alemanha, na *Phylosophisch-Theologische Hochschule Sankt Augustin*, próximo a Bonn, onde permaneceu de 1958-1961 (Valle, 2023, Vídeo 3) e de onde ele partiu para quatro anos de estudos de Psicologia na *Università Salesiana*, em Roma (1962-1965). Naquele período, o Prof. Edênio acompanhou de perto o Concílio

1 Entrevista realizada por Jhonatan Ferreira Pires: doutorando em História, na PUC-SP, pesquisador sobre História Oral da PUC-SP, a serviço da Fundação São Paulo, Mantenedora da PUC-SP. Colaboraram nesta entrevista o cineasta Pedro Libâneo Sardo e o cinegrafista Noel Bielecki.

Vaticano II. Mais que isso: acompanhou-o “por dentro”, uma vez que atuou como tradutor-intérprete de bispos, teólogos e especialistas participantes do Concílio (Frota et al., 2015, p. 418). Essa experiência, aliada à sua potente capacidade intelectual como Psicólogo e Teólogo, era parte dos motivos que teriam levado Dom Paulo Evaristo Arns a convidá-lo, em 1967, para atuar na PUC-SP:

Dom Paulo Evaristo, ainda quando Bispo Auxiliar da Região Santana e, posteriormente, como Cardeal-Arcebispo, me pediu que entrasse mais diretamente na Pastoral Universitária e assumisse várias tarefas que ele via como urgentes. Com a aprovação de minha Congregação acatei o convite (Valle, 2008, p. 2).

O Prof. Edênio relata que, quando chegou à PUC-SP, em 1967, trazia uma pergunta: “Qual o sentido de uma Universidade Católica?” (Valle, 2023, Vídeo 4). Essa pergunta acompanhou-o até o fim de suas atividades na PUC-SP, e ele a mencionará em seu discurso de Professor Emérito, em 2015, como se verá à frente.

Em 1967, o Departamento de Educação do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) realizou em Buga, na Colômbia, um seminário para traçar diretrizes sobre o tema *Missão da Universidade Católica na América Latina*. Da PUC-SP foram enviados dois professores ao seminário: o bispo beneditino Prof. Dr. Dom Cândido Padin, futuro Vice-Reitor da PUC-SP (1972-1976), e a Profa. Dra. Nadir Gouvêa Kfourri, futura Reitora da PUC-SP (1976-1984). Ambos vieram a ter decisiva importância na história dessa universidade, e a ambos o Prof. Edênio viria a ficar proximamente vinculado. O documento final do seminário fundou-se no diagnóstico de subdesenvolvimento econômico, instabilidade política e desigualdade social – especialmente desigualdade educacional, à vista das altas taxas de exclusão escolar na América Latina –, e sustentava o valor da autonomia acadêmica de uma universidade católica e de seu compromisso com a democracia e a justiça social. O Prof. Edênio comenta:

A representante de nossos docentes no Encontro de Buga foi a Dra. Nadir Gouvea Kfourri, então Diretora de nossa Faculdade de Serviço Social. Como Reitora da PUC-SP, dez anos depois, seu sonho era de concretizar na PUC-SP a utopia que Buga havia nela despertado. Há que se ter bem presente que tanto em Medellín² [1968] quanto em Buga [1967] o eixo central era a análise da realidade de pobreza e de injustiça vigente na quase totalidade dos países latino-americanos. Era contra este pano de fundo histórico que Buga levantou sua pergunta sobre qual a resposta que cabia às Universidades Católicas dar aos apelos dessa realidade, lida desde a Boa Nova anunciada à Igreja e ao mundo pelo Concílio Vaticano II (Valle, 2015, p. 6).

O Concílio Vaticano II (1962-1965) havia definido uma pauta para a Igreja: o diálogo com a Modernidade. A esse respeito, o Prof. Edênio afirma: “A PUC-SP, pela sua natureza de Universidade, não podia ficar de fora dessas movimentações epocais. Foi neste redemoinho turbulento que ela acabou ocupando um lugar de vanguarda no cenário universitário brasileiro” (Valle, 2019, p. 308).

A mudança de orientação para a atuação da Universidade Católica na América Latina, decorrente do *Documento de Buga* (1967), foi muito expressiva, segundo o Prof.

² Em Medellín, Colômbia, realizou-se a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Celam), no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968.

Edênio: “A nova conjuntura passou a favorecer e quase a exigir não uma Pastoral ‘na’ Universidade e sim uma Pastoral ‘da’ Universidade” (Valle, 2015, p. 7, grifos do autor).

No entanto, a nova frente de ação da Igreja pós-Concílio Vaticano II entrou em rota de conflito com o acirramento do regime militar no Brasil pós-1968. O Prof. Edênio assim reporta essa conjuntura:

Após o AI-5, em 1968, a situação se agravou. A Universidade era um turbilhão. [...] A revolução estudantil que paralisou a França repercutiu fortemente na USP e na PUC, como também na JUC [Juventude Universitária Católica]. A PU [Pastoral Universitária] e a PUC passaram a ser vigiadas de perto. Mons. Enzo [Gusso], por exemplo, teve que se refugiar em Ribeirão Preto durante vários anos para não ser preso. A JUC foi desmobilizada e alguns de seus membros formaram uma corrente estudantil que já não tinha laços com a Igreja, a Ação Popular (AP) (Valle, 2008, p. 2).

Novos eventos, alguns deles bastante dramáticos para a PUC-SP, viriam a suceder. O Prof. Edênio reporta: “A vida interna da PUC agravou-se ainda mais. A Reitoria passou a ser espionada por organismos estaduais e federais de segurança” (Valle, 2019, p. 315) – e ele próprio estaria no epicentro dessa tensão interna.

Em 1968, a Lei Federal 5.540/1968 instituiu uma ampla Reforma Universitária no País, alinhada ao modelo do sistema universitário dos EUA, mas a PUC-SP a executou em outra direção, ancorada nas diretrizes do *Documento de Buga* (1967). A Reforma, na PUC-SP, reestruturou Departamentos, Cursos, Faculdades e Centros, implantou o Ciclo Básico e a Pós-Graduação, e o Prof. Edênio veio a atuar em todas essas instâncias:

Na PUC-SP [...] fui sucessivamente professor de “Cultura Religiosa”, professor de “Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo” [Ciclo Básico], Chefe do Departamento de Teologia (o primeiro, por sinal), Diretor do Centro de Estudos Especiais (sucendo Dom Padin), Diretor da Editora da PUC, fundador e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (de 1978 até 1984). Entre 1976 e 1985, em meio a situações bastante difíceis, fui o Vice-Reitor Comunitário da PUC-SP (Valle, 2008, p. 2, grifos do autor).

Em 1976, com a Reforma Universitária implantada, Dom Paulo nomeou a Profa. Dra. Nadir Kfourri como a primeira mulher Reitora da PUC-SP – a primeira mulher reitora de uma universidade brasileira em toda a história. A Profa. Nadir Kfourri montou sua equipe de três Vice-Reitores (Acadêmico, Administrativo, Comunitário), convidando o Prof. Edênio para assumir a Vice-Reitoria de Assuntos Comunitários (VRAC).

Um professor pesquisador gestor: liderança institucional na PUC-SP

Como Vice-Reitor Comunitário, o Prof. Edênio teve a oportunidade de cumprir um papel institucional que veio a marcar a história do compromisso político-social da PUC-SP com abrangência incomparavelmente maior do que vinha sendo sua atuação até então. Ele próprio reconhece:

Após 1976, a PUC experimentou um boom de crescimento qualitativo que lhe deu prestígio nos meios intelectuais de São Paulo e do Brasil. O modelo que vinha sendo gestado consolidou-se. A identidade da PUC-SP se firmou melhor na Reitoria da Dra. Nadir Kfourri (Valle, 2008, p. 5).

O compromisso social, político e cultural da PUC-SP se articulava com as atividades pastorais da Arquidiocese. É o próprio Prof. Edênio quem registra:

Paralelamente, a PUC-SP passou a se articular com dois ativos organismos da Arquidiocese de São Paulo: a Comissão de Justiça e Paz e a Comissão de Direitos Humanos. Foi intensa nesses anos a atividade de nossos Professores e Alunos em sete regiões da periferia de São Paulo. Eram atividades que associavam alunos de Direito, Serviço Social, Educação, Jornalismo, Psicologia e Ciências Sociais. Na assistência jurídica a detentos do Carandiru, por exemplo, atuaram muitos de nossos acadêmicos de Direito, supervisionados por alguns advogados ainda bastante jovens. Alguns desses tornaram-se quadros políticos, jurídicos e administrativos ainda hoje atuantes. A experiência do [Ciclo] Básico havia preparado esses jovens para tanto e mostrado que atividades desse tipo eram não só viáveis como vantajosas em termos de um ensino superior de boa qualidade. Além disto, elas viabilizavam e tornavam efetiva a proposta de Buga. Foi nessa fase criativa que eu coordenei o primeiro Departamento de Teologia da PUC-SP e assumi em seguida o cargo de Vice-Reitor Comunitário da PUC-SP, com uma margem bem mais ampla de atuação no sentido de por nossos estudantes em contato mais direto com a realidade social, política e econômica da maioria de nossa população (Valle, 2015, p. 8).

Destaco quatro das frentes que se mostraram particularmente importantes na gestão do Prof. Edênio como Vice-Reitor Comunitário no período 1976-1984, por seus efeitos sobre os acontecimentos que viriam a consagrar o perfil histórico da PUC-SP nesse período.

1. A criação do Conselho Comunitário (CECOM). O CECOM foi instituído como um dos Órgãos Superiores de Direção da PUC-SP. É homólogo ao Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE), presidido pelo Vice-Reitor Acadêmico, e ao Conselho de Administração e Finanças (CAF), que viria a ser instituído como órgão de Direção na Reitoria seguinte, presidido pelo Vice-Reitor Administrativo [no caso, entre 1984-1988, eu mesmo, que assino o presente texto]. Na sessão de abertura do CECOM, em 22 de agosto de 1981, presente toda a Reitoria, foi lida publicamente uma Carta de Dom Paulo Evaristo Arns dirigida ao Conselho. Nela, Dom Paulo sustenta o que deverá ser a missão do novo Conselho:

Sacudir a inércia e pôr em movimento a consciência e a ação de toda comunidade universitária [...], unida em torno de uma mesma tarefa, que Puebla [III Conferência Episcopal Latino-Americana – Celam] batizou com o nome programático de *opção preferencial pelos pobres*. [...] No caso da nossa PUC-SP, sei de muitas das iniciativas que vêm sendo tomadas. É preciso manter esse esforço aceso e atuante (Porandubas, edição 41, set. 1981, p. 8, grifos do autor).

Ora, em uma entrevista ao jornal *Porandubas* (1979), Dom Paulo declarara como entendia a missão da Universidade Católica no mundo contemporâneo. De partida, ele não descarta a missão convencional, de toda universidade, de formar profissionais, mas logo enfatiza que a universidade católica,

[...] diante de um capitalismo e socialismo cansados, [deve] preparar uma nova síntese da sociedade, [...] um novo caminho para a cidade e para a sociedade no sentido dos *movimentos democráticos*. [...] Está na hora de a PUC-SP assumir sua missão de *Universidade livre e católica* (Porandubas, edição 19, abr. 1979, p. 4-5, grifos nossos).

Ao ser instituído como tempo-lugar institucional de escuta e processamento das pulsações políticas e culturais estudantis, o Cecom tornou-se uma espécie de epicentro de formulação de importantes projetos e políticas comunitárias e culturais da PUC-SP.

2. A criação da Assessoria de Imprensa e Comunicação (AIC) e, nela, o jornal *Porandubas*. O Prof. Edênio percebeu desde o início a importância estratégica de um eficiente e eficaz sistema de comunicação interno à universidade. A PUC-SP tinha noção da importância de seu projeto e do que ela poderia vir a significar política e culturalmente em âmbito local, regional e nacional. O tabloide quinzenal *Porandubas*³ veio cumprir um papel institucional da maior importância para esse fim: ele registrou os principais acontecimentos da PUC-SP nesse período crítico de sua história, de 1977 a 1988.

3. O Tuca como palco de ações culturais de ampla repercussão política. Sob a criativa direção da Profa. Dra. Samira Chalhoub (Departamento de Artes da PUC-SP) no período, o Tuca foi palco de espetáculos de artistas críticos ao regime militar e eventos político-culturais de amplo alcance. Por essa política proativa e inovadora, e em consequência dos dramáticos eventos que virão a ocorrer nos anos seguintes, o Teatro da PUC-SP entrou definitivamente na história da cultura brasileira como um dos principais ícones da resistência à ditadura militar, de celebração da democracia e de inovação cultural.

Em seu discurso de Professor Emérito (Valle, 2015), o Prof. Edênio elenca os eventos mais simbólicos desse perfil engajado do Tuca:

A “Vida e Morte Severina”, a escancarar ao Brasil a dura realidade da seca e da fome de milhões de nordestinos; [...] as noites em que o Tuca acolheu uma multidão que ocorreu à outorga do título de Doutor *Honoris Causa* a Dom Helder Câmara e, tempos depois, à recepção calorosa que São Paulo fez a Paulo Freire, recém-retornado de longo exílio; [...] aquela noite em que a PUC-SP abriu o seu teatro para lançar o “Diretas já!” e para discutir por onde encaminhar o Brasil rumo à redemocratização. [...] Foi nessa ocasião memorável que um discurso veemente do advogado José Carlos Dias fez as quase mil pessoas reunidas clamarem em uníssono o mesmo brado que sacudiu posteriormente todo o País: “Diretas já! Diretas já!” (Valle, 2015, p. 5, grifos do autor).

4. O projeto de uma PUC-SP como universidade política e socialmente comprometida. Evidentemente, o Prof. Edênio não foi o único responsável pela definição dos rumos institucionais da PUC-SP. Entretanto, não resta dúvida de que ele cumpriu um papel decisivo nesse projeto, como o articulador de Dom Paulo internamente à PUC-SP para conduzi-la nos rumos apontados pelo seu Grão-Chanceler. Ele próprio registra, em depoimento à TVPUC, logo após o Ato de instituição da Comissão da Verdade da PUC-SP (Valle, 2013), as circunstâncias que motivaram esse posicionamento da PUC-SP:

Há uma série de fatores que levaram a PUC-SP, sob a liderança da Reitora Nadir Kfoury, não só a uma posição de resistência, de não acordo com o regime militar, mas de mobilização intelectual e política para postular um outro caminho para o Brasil. Era um período muito difícil para o Brasil. Em 1976, o regime militar endureceu a posição, na base do Ato Institucional n.º 05 (de 13-dezembro-1968). O endurecimento, a repressão, esses grupos que torturavam em São Paulo, seja no DOPS ou na

3 O *Porandubas* – Jornal da PUC-SP teve como fundador e jornalista responsável o Prof. Dr. Jorge Cláudio Ribeiro. Ele declarou que o nome *Porandubas* (em tupi: algo como notícias populares) foi sugerido pelo próprio Prof. Edênio. Todas as suas edições (1977-1988) encontram-se digitalizadas e acessíveis.

antiga Operação Bandeirantes, seja no DOI-CODI, esses grupos começaram a apertar muito. Em nome dos Direitos Humanos e com grande apoio de Dom Paulo Evaristo Arns, a PUC-SP entre as Universidades, assumiu uma posição. E realmente, nisso, ela foi pioneira (Valle, 2013).

Nesse mesmo depoimento à TVPUC, o Prof. Edênio registra alguns dos acontecimentos e circunstâncias institucionais internas à PUC-SP que ajudam a compreender por que ela veio a se tornar um alvo preferencial de repressão da Ditadura:

Aqui aconteceram muitas coisas, que nos valeram, anos depois, a invasão [do Campus-Sede pelas Forças de Segurança do Estado de SP comandadas pelo Secretário Erasmo Dias]. Mas nesse momento entra um novo fator. A comunidade da PUC estava bastante unida em torno de diversos pontos. Mas aqui há grupos de Direita também, como o CCC – Comando de Caça aos Comunistas. Do lado da Esquerda, ao lado desse ponto comum de resistência, havia também uma série de diferenças nos grupos que apoiavam. [...] Nós, nos cursos que dávamos, mexíamos tanto com um projeto para o País quanto com um projeto para a própria universidade brasileira. Nós antecipamos várias questões fundamentais para isso. Não eram só as Teses [e Dissertações] que a gente fazia e defendia; era também a APROPUC [Associação de Professores], a AFAPUC [Associação de Funcionários], o DCE [Diretório Central dos Estudantes] – o primeiro DCE-Livre. Isso tudo nos custou a nossa posição no MEC. O nosso grande apoio era a ação da Igreja de São Paulo. Ali a gente tinha um grande apoio na periferia, nas Pastorais muito inseridas na realidade. A PUC-SP fazia um trabalho de aglutinação, de discussão e de encaminhamento, no plano teórico-prático (Valle, 2013).

O Prof. Edênio não deixou de registrar, a título de denúncia, a reação politicamente covarde do regime militar em decorrência daquele protagonismo político-cultural da PUC-SP na resistência à Ditadura:

E nós sentimos as consequências, do modo seguinte: nós éramos marginalizados em termos de apoio direto, financeiro, da Pesquisa, Extensão, enquanto outras universidades recebiam ajuda – e nós, não. Então tudo era muito difícil. A gente tinha que subsistir com os nossos próprios recursos (Valle, 2013).

Esse protagonismo político e cultural do Prof. Edênio na PUC-SP custou-lhe pessoalmente também uma ação política agressiva do Regime: uma detenção nas instalações do DOPS para “prestar esclarecimentos” acerca de sua atuação gestora na PUC-SP. Em seu discurso de Professor Emérito (Valle, 2015) ele relata as circunstâncias:

Numa manhã apareceram três delegados do DOPS me intimando a comparecer na sede daquele organismo [DOI-CODI]. Lá, encontrei uma série de acusações formais contra a minha pessoa. Prestei depoimento formal sobre fatos acontecidos na PUC-SP. Era extenso o dossiê de acusações. Contudo, pressões externas da Cúria Metropolitana e da Reitoria da PUC-SP e a atuação de meus dois advogados – José Carlos Dias e Miguel Reale Junior – fizeram com que a alta cúpula da Secretaria de Segurança e do DOPS me liberassem após a prestação de um depoimento truncado ao meio. Uma ficha minha, do dia 13 de maio de 1977, dizia: “O Padre Edenio Ribeiro do Vale (sic), Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos (sic) é quem dá integral apoio aos grupos da PUC. Este sacerdote está dando homizão aos estudantes comprometidos com a subversão e outros que se destacam como líderes nas assembleias com pronunciamentos violentos de ataque às autoridades constituídas (DPPS/SP-50-C-O: 3811)” (Valle, 2015, p. 8).

Em outras palavras, o próprio regime militar ditatorial reconheceu e apontou “publicamente” o protagonismo político-institucional do Prof. Edênio na PUC-SP, ao escolhê-lo como alvo da repressão política. Em seu depoimento no Ato de Instalação

da Comissão da Verdade da PUC-SP (2013), ele fez uma marcação política a respeito daquele incidente político de sua detenção no DOI-CODI: “Eu não era ‘preso político’, era ‘detento político’” (Valle, 2013, grifos do autor).

E sucedeu, um dia, o que não se poderia antes imaginar e que marcou definitivamente a história da PUC-SP: uma invasão planejada de policiais militares ao Campus-Sede da PUC-SP (em 22 de setembro de 1977) como represália à PUC-SP e à Igreja em São Paulo, sob comando do então Secretário Estadual de Segurança Pública do governador Paulo Egydio Martins: o Coronel Erasmo Dias.

Nos primeiros meses do ano de 1977, o Grão-Chanceler Dom Paulo Evaristo Arns, de comum acordo com a Reitoria da PUC-SP, havia disparado um processo de reflexão sobre as articulações possíveis e desejáveis entre a PUC-SP e a ação da Igreja de São Paulo. Foram organizados dois encontros envolvendo Dom Paulo, a Reitoria e gestores acadêmicos da PUC-SP. O Prof. Edênio, como seu interlocutor direto na universidade, encarregou-se de preparar esses encontros, com o Prof. José J. Queiroz.

Uma reportagem do jornal *Porandubas* (1977) refere que Dom Paulo usou a oportunidade desses dois encontros para defender os três passos a serem dados pela PUC-SP em direção a uma articulação orgânica com a Igreja de São Paulo:

(1) ajudar os grupos populares, sem tirar sua expressão, a manifestar sua expressão política no sentido de uma convivência cidadã; (2) ajudar os grupos numa espécie de auto-análise dos aspectos massificantes e alienados da sua vivência, especialmente religiosa; é preciso fornecer os critérios, respeitando o ritmo do povo em tirar suas próprias conclusões; (3) participar da elaboração de planos globais, como por exemplo, o CEBRAP que se ofereceu para acompanhar e analisar por dois anos os planos pastorais de São Paulo (*Porandubas*, edição 04, ago. 1977, p. 3).

No encerramento desses dois encontros, a Reitora Profa. Nadir Kfourri declarou entender que “a vocação da PUC-SP é voltar-se para os problemas da Cidade, de seu povo” (*Porandubas*, edição 04, ago. 1977, p. 3).

Não por acaso, um mês após o segundo desses encontros, desencadeou-se uma série de acontecimentos dramáticos para a PUC-SP. O regime militar (por meio de seu Ministro da Educação Ney Braga) proibiu a realização da 29.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), programada para acontecer em julho na Universidade Federal do Ceará e em qualquer outra universidade federal do País. Diante dessa proibição, a USP, uma universidade estadual – certamente a mais prestigiosa entre todas as universidades brasileiras –, foi provocada a assumir substitutivamente essa tarefa, mas por conveniências políticas recusou-se a abrigar o evento da SBPC. Diante desse impasse, a Reitoria da PUC-SP não hesitou e, após entendimentos com o Grão-Chanceler da Universidade, tomou a iniciativa e ofereceu seu Campus para a realização dessa reunião. Na Mesa de Abertura da SBPC, na noite de 6 de julho de 1977, no Tuca, sentaram-se, lado a lado, o então presidente da SBPC – Oscar Sala, o Grão-Chanceler da PUC-SP – Dom Paulo Cardeal Arns, e o Prof. Edênio Valle.

Esse gesto da PUC-SP, de enfrentamento político e desqualificação do autoritarismo do regime militar, é reconhecido unanimemente pelos historiadores e analistas como o disparador de uma ação política de revide da Ditadura: a invasão do Campus-Sede da universidade, dois meses depois, em 22 de setembro de 1977. As circunstâncias da

invasão são bastante conhecidas e foram amplamente repercutidas pela mídia, na ocasião e depois. A mais imediata terá sido, ademais, a humilhação imposta pelos estudantes aos serviços de inteligência da Polícia Militar. O cerco político ao movimento estudantil e à PUC-SP estava se intensificando em decorrência das sucessivas afrontas de atos e discursos do movimento estudantil contra o Regime. O próprio Prof. Edênio relata alguns detalhes finais do ocorrido:

O dia [da invasão – 22.09.1977] correu relativamente tranquilo. Foi com surpresa que a Reitoria soube das faixas que anunciavam a realização do III Encontro Nacional de Estudantes [ENE] numa sala da PUC. À noitinha, após entendimentos com a Reitora eu pedi a colaboração de 3 professores para comporem uma Comissão para mediar o diálogo entre polícia e lideranças estudantis. No entanto, a invasão foi extremamente rápida e bem organizada. Lançaram diversas bombas. A confusão foi total, embora um pequeno grupo pedisse calma. Os policiais partiram direto para a violência, não dando nenhuma chance de diálogo (Valle, 2013).

Cerca de 1.500 estudantes, professores e funcionários foram levados para um estacionamento próximo que fora previamente esvaziado pelos policiais, sob ameaças, xingamentos, gritos e cassetetes dos policiais. Depois de uma triagem, alguns foram liberados e aproximadamente setecentos estudantes ficaram detidos. Cerca de quarenta ônibus haviam sido mobilizados e posicionados nas imediações da PUC-SP para esse transporte dos detidos até o Batalhão Tobias de Aguiar, da Polícia Militar, no bairro da Luz. Depois dos procedimentos de fichamento nas dependências do Batalhão, cerca de quarenta alunos ficaram fichados como “acusados de infringir a Lei de Segurança Nacional”, a qual previa penas de prisão para o ato de incitar a subversão da ordem.

Aqui, tomo a palavra em primeira pessoa para registrar um testemunho pessoal sobre o ocorrido. Eu participava do movimento docente da PUC-SP e, à vista da tensão política crescente, cientes de que os estudantes já haviam convocado um Ato Público para realizar-se na PUC-SP naquela noite de 22 de setembro de 1977, organizamos uma reunião de professores para acompanhar os acontecimentos. Essa reunião foi convocada para acontecer por volta das 19h30, em um dos auditórios do chamado “Prédio Novo”. Cerca de oitenta professores reunimo-nos lá. Os estudantes haviam pretendido fazer seu Ato Público dentro do Tuca, mas o Prof. Edênio, Vice-Reitor Comunitário, não autorizou o uso interno do Tuca por precaução de segurança. Parecia estar adivinhando o que sucederia. Os estudantes se acomodaram na frente do Tuca, inclusive fechando o trânsito de veículos naquele trecho da Rua Monte Alegre. Ali eles celebraram efusivamente a realização do III Encontro Nacional dos Estudantes (ENE), que ocorrera à tarde em uma das salas de aula da PUC-SP, zombando publicamente dos serviços de inteligência da Polícia Militar que não conseguira detectar a ocorrência desse evento proibido, muito menos impedi-lo. Os discursos eram exaltados, eufóricos, agressivos contra o regime militar. Em dado momento, os policiais fecharam o cerco e atacaram a massa de cerca de 2.000 estudantes. Cercados em todos os cantos do quarteirão, os estudantes não tiveram alternativa senão entrar no Campus. Os policiais vieram atrás, com bombas de efeito moral, gás lacrimogênio e cassetetes. Ao ouvirmos o barulho das bombas, nós

professores saímos do Auditório em que estávamos reunidos, fomos para o corredor que dava para a rampa de entrada central do Campus e lá, do alto do terceiro andar, assistimos à brutalidade dos acontecimentos. Os policiais em seguida invadiram o Prédio Novo. Os policiais militares (e um bom número de paramilitares civis que os acompanhavam na ação – quase todos eles mascarados) não se limitaram a cercar e retirar os que estivessem no Campus na hora da invasão. Eles vasculharam salas de professores e ambientes de trabalho de funcionários. Na sala de professores da disciplina “Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo” (uma disciplina obrigatória do Ciclo Básico – tido pelo regime militar como um “núcleo de subversivos”), os policiais invasores revistaram armários e gavetas, abriram pastas de arquivos, jogaram documentos pelo chão. Num quadro de avisos de feltro verde, deixaram sua assinatura com giz: “CCC” – “Comando de Caça aos Comunistas”.

Sobre essa brutal invasão, o próprio Coronel Erasmo Dias fez os seguintes comentários, em entrevista ao jornal *Porandubas*, quatro anos depois:

Triste memória, triste memória; lamento profundamente, não sei o que poderia ter feito para reparar. Aliás, reparei na medida do possível. [...] A ordenação da sociedade e a ordem dos seus valores hão de ser conservados: ISSO A AUTORIDADE NÃO PODE ABDICAR SOB HIPÓTESE ALGUMA. [...] Quando lá na PUC botaram aquela faixa dizendo: “AQUI REALIZOU-SE O III CONGRESSO [sic] DA UNE”, pareceu que a República tinha caído na sua autoridade! (Porandubas, edição 41, set.o 1981, p. 6. Entrevista com o Coronel Erasmo Dias: “Versão do Erasmo”, grifos do autor).

O Prof. Edênio, de sua parte, em contraponto, fez um conjunto de considerações críticas sobre o mesmo episódio:

Penso que a invasão foi um momento importante de tomada de consciência de toda a Universidade. Também, foi possível a seu corpo estudantil perceber melhor seus limites e possibilidades. [...] Entendo que essa função política da Universidade não se deve confundir com tendências políticas ou agrupamentos partidários. A Sociedade Civil espera, precisa de uma contribuição crítica diversa, política, mas com características próprias da Universidade. [...] A invasão foi uma operação militar minuciosamente planejada, com a ajuda de diversos setores estaduais e municipais, envolvendo seguramente vários secretários de Estado que fizeram inclusive reuniões prévias ao fato. [...] Nossa polícia tem que se rever muito para se pôr em compasso com o processo de democratização (Porandubas, edição 41, set. 1981, p. 7. Entrevista com o Prof. Edênio Valle: “Versão do Edênio”).

Em sua já citada entrevista à Fundação São Paulo, em 6 de julho de 2023, poucos meses antes de seu falecimento, o Prof. Edênio fez um balanço crítico de vários aspectos da história da PUC-SP e concluiu acerca desse episódio, sem meias palavras: “A invasão da PUC-SP foi um ataque ao Cardeal Arns e à CNBB” (Valle, 2023, Vídeo 14).

Contudo, a invasão da PUC-SP, não obstante a hipócrita “avaliação” que dela fez o Coronel Erasmo Dias que a comandou, citada anteriormente, teve ainda novos desdobramentos, lamentavelmente. As forças políticas de ultradireita seguiram articuladas, inclusive dentro da PUC-SP. Sete anos depois da invasão, na noite do mesmo icônico dia 22 de setembro, em 1984, um incêndio criminoso destruiu o Tuca. Em seu discurso de Professor Emérito (Valle, 2015), o Prof. Edênio se refere a esse novo dramático ato político de agressão à PUC-SP:

O terceiro episódio se reporta à noite trágica em que vi arder o nosso Tuca. As chamas subiam a mais de 20 metros acima do teto que desmoronou por completo. Por que queimaram o Tuca? Quem o fez? E porque tantos nos procuraram oferecendo (e realmente dando ajuda)? Minha resposta é simples. Foi porque ele estava cumprindo sua função de teatro universitário, no campo das artes, sob a orientação competente da Profa. Samira Chalhub, e nos campos sociocultural e político, em virtude da batuta destemida do Prof. José J. Queiroz, que dele fez o palco de noites inesquecíveis que acolhiam algumas das vozes mais lúcidas de um país que clamava por um novo tempo (Valle, 2015, p. 5).

Nesse mesmo discurso de Professor Emérito (Valle, 2015), o Prof. Edênio fez um balanço crítico dos oito anos (1976-1984) em que atuou como Vice-Reitor Comunitário da PUC-SP:

Foi nesse clima tenso, e carregado de problemas de todos os tipos – mas criativo – que transcorreram os oito anos do Reitorado da Profa. Nadir Gouvea Kfoury. Ela chegou a essa posição com a tarefa de levar adiante a Reforma da PUC- SP. Era um problema complexo e nada pacífico (Valle, 2015, p. 8).

O reitorado da Profa. Nadir, de cujo núcleo central ele participou, segundo suas próprias palavras, foi marcado pelo “pioneirismo (acadêmico-universitário, político, artístico e outros) acontecidos na PUC-SP entre os anos de 60 a 80” (Valle, 2019, p. 309).

Ao deixar a equipe da Reitoria, em 1984, o Prof. Edênio reassumiu suas atividades de docente e pesquisador na universidade, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, que ele ajudara a criar em 1978. Três anos após, licenciou-se da PUC-SP por oito anos (1987-1995) para assumir os cargos de Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e de Vice-Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR).

Em 2013, a PUC-SP instituiu sua Comissão da Verdade (denominada “Reitora Nadir Gouvêa Kfoury”), estendendo o notável valor histórico da Comissão Nacional da Verdade (instituída pela Lei 12.528/2011, instalada em 2012 e concluída em dezembro de 2014). O Ato de Criação da Comissão da Verdade da PUC-SP (Ato n.º 02/2013) foi assinado conjuntamente pela Reitoria da PUC-SP e pela Secretaria Executiva da Fundação São Paulo – Mantenedora da PUC-SP, cujo art. 1.º definia sua finalidade: “[...] examinar e esclarecer as violações de direitos humanos e as ações de resistência ocorridas na PUC-SP, no período 1964-1988, buscando garantir a memória, a verdade e a justiça”. Em seu art. 2.º, § 1.º, consta:

Fica nomeado, enquanto *membro honorário*, pelo seu histórico compromisso com a *Instituição*, o Prof. Edênio dos Reis Valle, da Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de Ciências da Religião (PUC-SP, 2013, grifos nossos).

Tal nomeação constitui, inequivocamente, a declaração oficial mais explícita de reconhecimento do valor institucional do Prof. Edênio para a história da PUC-SP. Ela terá sido, provavelmente, também, uma das justificativas para a decisão do Conselho Universitário da PUC-SP, em 24 de junho de 2015, de outorgar a ele o título de Professor Emérito da PUC-SP.

Considerações finais: o legado do Professor Emérito Edênio Valle para o futuro da PUC-SP

A cerimônia de outorga do título de Professor Emérito da PUC-SP ao Prof. Edênio deu-se em sessão extraordinária do Conselho Universitário, realizada no Auditório Tucarena, no dia 28 de outubro de 2015. Na mesma cerimônia, foi igualmente agraciado com o mesmo título o colega e amigo do Prof. Edênio, o Prof. Dr. José J. Queiroz.

O discurso do Prof. Edênio nessa cerimônia foi como um canto de cisne de um refinado intelectual: um balanço crítico da história da PUC-SP e da participação dele como gestor ao longo dos anos talvez mais críticos da história dessa universidade. Ele iniciou seu discurso com agradecimentos formais e protocolares, mas com evidente autenticidade: “Quero externar minha gratidão pelo privilégio de ter sido por tantos anos membro desta vibrante comunidade” (Valle, 2015, p. 2). Rapidamente entrou no âmago da grande questão em torno da qual se movera em todos os seus anos de atividade na PUC-SP:

Uma pergunta que sempre me motivou em minha atuação como docente foi a relativa ao que a Igreja Católica deve e pode contribuir para que a PUC-SP seja não uma ilha e sim *uma instituição distinta das dezenas de “universidades”* que hoje se multiplicam pelo país afora... (Valle, 2015, p. 3, grifos nossos).

Em sua carta ao Grão-Chanceler, em 2008, ele já havia processado algumas dessas questões mais fundamentais:

As PUCs do Brasil se acham cercadas por problemas quase sem solução. Estão em um beco de difícil saída: de um lado a concorrência de grupos empresariais poderosos voltados para o lucro e de outro, as Universidades estatais sustentadas pelo dinheiro público. *O que mais nos falta é um projeto de Universidade que defina a identidade e o diferencial das instituições católicas de ensino superior e especialmente da PUC-SP.* Uma gestão administrativa-financeira bem conduzida não o pode inventar. Ele também não pode ser pensado fora da Universidade e de sua história. *Deve nascer de dentro e com suficiente autonomia* (Valle, 2008, p. 5, grifos nossos).

A colocação do problema e do objetivo fora suficientemente clara. Restava identificar com equivalente clareza a potência das condições internas para avançar na realização do que se pretendia, o que ele faz agora, em seu discurso de Professor Emérito:

Somos [...] uma Universidade secularizada e plural. Mas estou convencido, por experiência, de que algo mais forte nos une e nos faz acreditar que vale a pena continuar batalhando pela “nossa PUC”, ou seja, por *aquele “algo mais” que nos distingue mesmo enquanto Universidade Católica*, algo que nos caracteriza e inspira desde a nossa fundação oficial em 1946, algo que tem como alma e vocação identitária o ser uma instituição que a cada curva de sua história buscou se ressignificar e se retrabalhar em termos de “projeto” e de “missão”, concretizados no seio de uma cada dia mais desafiadora e complexa sociedade brasileira e paulista (Valle, 2015, p. 2, grifos nossos).

Com esta determinação ele concluiu seu discurso de Professor Emérito: “A PUC-SP, pelo seu passado, tem algo a dizer à comunidade universitária brasileira também neste século XXI” (Valle, 2015, p. 10).

Dois anos antes, na cerimônia de implantação da Comissão da Verdade da PUC-SP, ele havia pontuado, com equivalente determinação, e na mesma linha, sua certeza

de que a PUC-SP há de cumprir esse projeto, sua missão de Universidade Católica na América Latina, tal como preconizado pelo *Documento de Buga* (1967): “Trata-se de retomar *um projeto da PUC-SP para o século XXI, que vocês vão ver*” (Valle, 2013, grifos nossos).

Este é o legado dessa extraordinária pessoa, sacerdote, professor, pesquisador, gestor, intelectual, um dos nossos mais brilhantes, merecidamente Professor Emérito da PUC-SP, João Edênio dos Reis Valle. Uma liderança intelectual, política, educativa.

Referencias

FROTA, Luciana Silveira de Aragão; AVELINO, Yvone Dias; GOMES, Edgar da Silva; LOPES, Carlos Danilo Oliveira (org.). No laboratório das palavras: história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: coletânea de documentos (1979-1985). Fortaleza: SOCER, 2015.

PORANDUBAS – Jornal da PUC-SP. Assessoria de Imprensa e Comunicação da PUC-SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/cedic/memoria-puc-jornal-porandubas>. Acesso em: 25 maio 2024.

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ato Conjunto de Criação da Comissão da Verdade da PUC-SP, n.º 02/2013. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/sobre-a-cvpuc/documentos-ato-de-criacao-da-cvpuc-sp.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

VALLE, Edênio. Carta ao Grão-Chanceler da PUC-SP, 2008. Inédito.

VALLE, Edênio. Entrevista à TVPUC. Instalação da Comissão da Verdade da PUC-SP, 6 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E8WOLF46kgc>. [Minutos 05:52 a 12:41]. Comissão da Verdade da PUC-SP. Acesso em: 27 maio 2024.

VALLE, Edênio. Discurso de Professor Emérito, 28 out. 2015. Inédito.

VALLE, Edênio. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP: da sua pré-história à progressiva evolução e maioria. Revista REVER, São Paulo, v. 19, n. 2, número Especial da REVER: 40 Anos de Ciência da Religião, maio/ago. 2019.

VALLE, Edênio. Entrevista à Fundasp – Projeto de História Oral da PUC-SP, 6 jul. 2023. Inédito.

Recebido em: 20/06/2024

Aprovado em: 15/10/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Fábio L. Stern.